

## 4

### Estudo de campo

O objetivo desse estudo de campo foi analisar o lugar do pai na família do dependente de drogas, a partir do ponto de vista do próprio adicto.

#### 4.1.

#### Metodologia

##### 4.1.1.

#### Sujeitos

O presente estudo foi realizado com dez sujeitos do sexo masculino, pertencentes à classe média do estado do Rio de Janeiro. Os sujeitos tinham entre 18 e 35 anos. O estado civil e o grau de escolaridade variaram - estes não foram pré-requisitos para a seleção da amostra. Selecionamos sujeitos que conviveram com o pai e a mãe, embora estes pudessem ser hoje falecidos. Os pais poderiam ser casados ou não.

Salientamos que, visando assegurar o anonimato dos entrevistados, foram-lhes atribuídos nomes fictícios. Apresentamos abaixo uma breve descrição de cada um dos participantes da pesquisa, seguindo a ordem em que foram realizadas as entrevistas. Identificamos a(s) droga(s) de eleição dos sujeitos e se esse foi ou não o primeiro tratamento específico para a dependência de drogas.

Tadeu, 24 anos, solteiro. Pais casados, porém moram em cidades diferentes. Primeiro tratamento. Droga de eleição: maconha, crack.

Heitor, 22 anos, solteiro. Pais casados. Primeiro tratamento. Droga de eleição: maconha.

Rodrigo, 22 anos, solteiro. Pais casados. Já passou por outros tratamentos. Droga de eleição: cocaína.

Jaime, 23 anos, solteiro. Pais separados. Já passou por outras internações, sem concluí-las. Droga de eleição: cocaína.

Felipe, 27 anos, noivo. Pai falecido (2000), era casado com sua mãe. Primeiro tratamento. Droga de eleição: álcool.

Fabio, 18 anos, solteiro, tem um filho. Pais separados. Já passou por outros tratamentos. Droga de eleição: maconha, cocaína.

Julio, 35 anos, solteiro, tem um filho. Pais casados, mas moram separados. Já passou por outros tratamentos. Droga de eleição: maconha, cocaína.

Avelino, 33 anos, separado, tem uma filha. Pais casados. Já passou por outros tratamentos. Droga de eleição: álcool.

Gustavo, 21 anos, solteiro. Pais separados. Já passou por outros tratamentos. Droga de eleição: maconha.

Augusto, 19 anos, solteiro. Pais separados. Primeiro tratamento. Droga de eleição: maconha.

#### **4.1.2.**

#### **Instrumento**

A coleta dos dados foi realizada por meio de uma entrevista semi-estruturada, gravada em áudio e posteriormente transcrita. O roteiro contemplou os temas listados abaixo, incluídos em onze perguntas (anexo 1) feitas aos entrevistados:

- Lazer;
- Acompanhamento escolar;
- Manejo financeiro;

- Relacionamento afetivo;
- Estabelecimento de limites;
- Descoberta do uso de drogas, reação e participação no tratamento;
- Percepção da identidade de gênero;
- Percepção dos papéis parentais;
- Avaliação da conduta dos pais em relação aos filhos.

Os cinco temas iniciais abordavam a rotina do entrevistado com os pais em diferentes áreas, ao longo do processo educativo, e antes mesmo do uso de drogas. Depois era focalizado especificamente o tema da problemática adictiva. Em seguida, buscava-se compreender os modelos de masculinidade, feminilidade paternidade e maternidade do entrevistado. O último tema focalizava a análise crítica da educação recebida pelo pai e pela mãe.

As perguntas foram formuladas em relação a ambos os pais - e não só ao pai - com o intuito de analisarmos o padrão de interação familiar. A escuta do relato em relação a cada um dos pais nos permitiu constatar as diferenças na forma de descrevê-los. O entendimento do lugar do pai pôde ser aprofundado a partir da compreensão do lugar da mãe.

A entrevistadora tinha liberdade para fazer intervenções, fora do roteiro, que visassem elucidar os assuntos abordados, com o intuito de aprofundar o relato e também evitar pontos obscuros ou mal compreendidos.

Inicialmente, foi elaborado um roteiro piloto que, após a aplicação em uma entrevista, teve os três itens finais acrescentados ao formato original.

### **4.1.3.**

#### **Procedimento**

Desde o início do projeto de pesquisa planejamos fazer as entrevistas em um local de tratamento para dependência de drogas, visando facilitar a seleção dos sujeitos.

O fato de a entrevistadora atuar na área da dependência de drogas e já ter trabalhado no local da pesquisa, há três anos atrás, facilitou o acesso à instituição.

Não houve obstáculos por parte desta instituição escolhida, onde a recepção foi sempre muito calorosa.

As entrevistas foram realizadas em uma clínica privada de tratamento da dependência de álcool e outras drogas em regime de internação, localizada em Niterói, Rio de Janeiro. O tempo de internação dos pacientes é variável, dependendo da evolução de cada um. O tempo médio é de 45 dias.

A clínica atende predominantemente a pessoas de classe média do Rio de Janeiro e adjacências. Os diversos convênios médicos e com empresas permitem o atendimento também às camadas mais populares.

A entrevistadora foi sempre muito bem recebida pela equipe e também pelos internos. O fato de os participantes da pesquisa estarem internados foi um ponto facilitador, no sentido de haver maior disponibilidade para a entrevista. Soma-se a isso os intervalos que os pacientes dispõem entre as atividades terapêuticas do dia. As entrevistas foram realizadas nesses intervalos, para não prejudicar o tratamento, em uma sala disponibilizada pela própria instituição. Foi entregue a cada participante um termo de consentimento (anexo 2) para ser assinado autorizando a utilização das informações reveladas para fins científicos.

A apresentação da entrevistadora aos internos que estavam dentro do perfil da amostra era efetuada por um terapeuta da clínica que a deixava à vontade para explicar o seu trabalho. A explicação dada era a de que se tratava de uma pesquisa sobre o tema "família e dependência de drogas". Não queríamos revelar o foco específico, o lugar do pai, para evitar tendenciosidade.

O obstáculo encontrado, algumas vezes, não foi encontrar quem quisesse participar da pesquisa, mas sim a dificuldade dos sujeitos em detalhar e aprofundar os temas apresentados. A duração das entrevistas variou entre 20 e 40 minutos, na média 30 minutos, tempo abaixo da nossa expectativa inicial. Acreditamos que uma possível razão para isso é o próprio uso crônico de drogas, que tende a embotar o sujeito em relação aos seus sentimentos e pensamentos, provocando uma diminuição da capacidade crítica e reflexiva, deixando o discurso muito concreto. Isto não se aplica a todos os casos, já que vários sujeitos exploraram bastante os tópicos, indo muito além do perguntado.

## 4.2.

### **Análise e discussão dos dados**

Para a análise e discussão dos dados utilizamos o *método qualitativo de análise do discurso* (Nicolaci-da-Costa, 1989; 1994). A partir da análise do material colhido nas entrevistas emergiram as seguintes categorias: estabelecimento de limites; reação à problemática do abuso de drogas; percepção dos papéis de gênero; percepção dos papéis parentais; casal parental; relacionamento com o pai.

#### **Estabelecimento de Limites:**

As famílias com problemas relacionados ao abuso de drogas demonstram ter dificuldades em relação ao estabelecimento de limites. O próprio uso de drogas ilícitas já representa uma transgressão aos limites determinados pela sociedade. Evidentemente, toda família que tem um membro dependente de drogas enfrentará um enorme desafio em relação à imposição de limites. Entretanto, observamos, na prática clínica, que a ausência de limites consistentes frequentemente antecede o início do uso de drogas.

Considerando-se que o foco de investigação neste estudo é o pai, analisamos, pelo ponto de vista dos sujeitos, a participação paterna em relação ao estabelecimento de limites na família. Ressaltamos que nenhum comportamento do pai deve ser compreendido isoladamente, e sim dentro do contexto relacional, como sublinha o enfoque sistêmico.

Fizemos perguntas abrangendo o período anterior ao uso de drogas, com o objetivo de investigarmos o tema do estabelecimento de limites na família sem vinculá-lo direta e exclusivamente à problemática adictiva. As três perguntas do roteiro que visavam explorar este tema eram aquelas relativas ao: acompanhamento dos estudos; trato com dinheiro e estabelecimento de limites.

A aceitação dos limites está relacionada à aceitação da autoridade dentro da hierarquia familiar. No relato dos entrevistados, muitos pais parecem confundir autoridade com autoritarismo ao estabelecerem limites. Os pais de vários entrevistados, ao recorrerem à força física para se imporem, demonstram exercer uma liderança autoritária.

O autoritarismo é um reflexo da rigidez familiar. A funcionalidade familiar está relacionada à flexibilidade, que permite aos pais autorizarem e estimularem a singularidade dos seus filhos. A rigidez familiar não favorece a diferenciação, a individualização do sujeito (Bowen, 1978).

Muitos entrevistados (seis) revelaram o estilo de educação autoritário do pai, no qual a tentativa de impor limites aparece de maneira inflexível, sem espaço para o diálogo. Como ressaltam Kalina & Korin (1983), observa-se nas famílias adictivas a falta de limites elásticos: firmes sem ser rígidos. Cabe destacar, que em quatro casos foi relatada agressão física por parte do pai e em um caso agressão verbal, ou seja, metade dos entrevistados afirmou ter sofrido violência - física ou verbal. Segundo Carvalho et al (1995), em estudo com 16378 estudantes brasileiros, a violência na família foi o fator mais freqüentemente associado ao uso de álcool e outras drogas por parte dos jovens.

Meu pai sempre foi muito bruto, rude né, então muitas vezes quando a gente não se encaixava dentro dos parâmetros dele ele era bruto. Chegava a bater na gente, juntava os 3 filhos... (Tadeu, 24 anos) <sup>1</sup>

Antes da droga a gente não era muito aquilo de... porque naquela de fazer educação, que ele tinha que me educar, então a gente não tinha muito diálogo, entendeu? Ele era muito autoritário. Ele é militar, então eu acho que ele foi muito autoritário lá em casa com a gente (...) Então ele teve que proibir, e era sempre duro, assim: Ah, você não vai porque não vai. Porque eu era de menor e vivia debaixo do teto dele, então devia obediência para ele. É aquilo, eu perguntava por que, e ele não me explicava o porquê. Porque, porque sim. Não tinha justificativa. Porque eu morava debaixo do teto dele, que eu tinha que obedecer ele. (Heitor, 22 anos)

O relato dos entrevistados confirma o ponto de vista de diversos estudiosos sobre a ineficácia do limite sem afeto. Como sublinham Schenker & Minayo (2003), os filhos aceitam a autoridade dos pais quando há uma relação de afeto e confiança entre eles. Os pais descritos como rígidos pelos entrevistados parecem impor limites sem estarem inseridos no contexto do filho, sem participarem da sua rotina. O limite parece vir de forma seca, como um decreto: de fora para dentro. Os relatos mostram atitudes de cunho punitivo e não educativo. Alguns

---

<sup>1</sup> As reticências indicam pausas breves na fala do sujeito; o que está entre parênteses é explicação da pesquisadora para facilitar o entendimento da entrevista; reticências entre parênteses indicam intervalo de tempo entre a fala anterior e a seguinte.

entrevistados descreveram castigos cruéis e humilhantes, geradores de revolta, ao invés de aprendizado.

Uma vez eu repeti de ano, aí ele falou que eu ia ter que lavar o carro dele, que eu ia ficar de empregado da casa, tinha que lavar, tinha que cortar a árvore. Um belo dia ele chegou e me pegou vendo televisão. Esse cara me deu uma coça, o meu pai! Coça de cinto. Tinha uns 8 ou 9 anos. (Julio, 35 anos)

Quando eu pedia um dinheiro para o meu avô, ele dizia: vai lá na minha carteira apanhar. Aí uma vez – eu fiquei com esse negócio – eu apanhei, não lembro a quantia, era coisa de 50 reais. Meu avô me dava 10 reais, 20 reais, aí eu fui e apanhei 50 reais, em vez de apanhar 20. Aí, ele foi e falou com meu pai... Eu comprei um monte de coisa, comprei caderno, caneta, um monte de coisa assim, um monte de besteira. Aí o meu pai – eu tinha um cabelão grandão, meu cabelo era lisão –, meu pai me levou no barbeiro e passou máquina 1 no meu cabelo. Todo mundo me zoou, todo mundo me sacaneou. (Gustavo, 21 anos)

Apesar de, nesta investigação, termos dado maior ênfase à posição do pai na família adictiva, nossa lente sistêmica nos instiga a discutir esta questão ao nível relacional e não individual. A violência do pai é retroalimentada, muitas vezes, pela postura passiva ou também violenta da mãe. Quando a mãe é sempre a "boazinha" e o pai o "vilão", a mãe tem o ganho de tornar-se aliada do filho. A mãe que atua de forma permissiva no dia-a-dia, não dando limites, favorece, indiretamente, os ataques explosivos de um pai que tenda a ser agressivo. Pais que contam com o apoio, um do outro, em relação ao cumprimento das regras da casa, estarão menos sujeitos a perderem o controle da situação partindo para a violência.

No outro extremo da conduta familiar em relação à colocação de limites, apareceu, nos relatos, com frequência, a permissividade. Observamos, nas famílias adictivas, a falta de autoridade nos dois padrões: autoritário e *laissez-faire*, liberal. Em sete entrevistas surgiu o relato da omissão e/ou falta de imposição de limites por parte do pai. Em alguns casos, havia omissão e, ao mesmo tempo, rigidez. O pai não estava presente mas, quando contrariado, tinha postura rude. A falta de limites aparece em vários casos no descontrole em relação ao dinheiro e na dificuldade em frustrar os desejos do filho, de maneira geral. A omissão do pai faz parte de um padrão relacional onde, muitas vezes, a mãe é responsável sozinha pela educação, muitas vezes excluindo o pai. Em outros casos, o pai, após a separação, omite-se em relação à criação do filho. De uma forma ou de outra, pai e mãe são responsáveis pela falta de limites.

Todos dois muito mal (pergunta sobre trato com dinheiro). Me davam dinheiro e não controlavam. Minha mãe sempre foi mais comedida em me dar dinheiro. O meu pai era mais liberal em me dar dinheiro, apesar das limitações dele.

(Felipe, 27 anos)

Ela (mãe) me tratava bem, sempre me tratou bem, até hoje. Me mimava, entendeu? Sempre me mimou. Por isso que surgiu tudo isso, porque eles me mimavam muito. Tudo que eu pedia me davam. Tudo que eu queria, começava a chorar, espernear, gritar, e ela comprava, me dava. Por isso que aconteceu isso também. Eu acho que uma parte da droga que eu comecei a usar foi por causa disso. (...) Dinheiro eu tinha toda hora. Toda hora que minha mãe chegava: mãe, me dá 50 reais, ela puxava e dava. Pai, estou precisando sair com uma menina aí, mas nem saía nada, enganava ele, falava que saía com a menina, mas pedia para comprar droga. Pai, me dá 100 reais. Ele puxava da carteira e me dava. Sempre me davam. Eles nunca me proibiram nada, sempre foram liberais comigo. Sempre falavam sim, nunca falavam não. (Fabio, 18 anos)

Minha mãe sempre me mimou muito, sempre fez tudo que eu quis (...) Eu acho que ele (pai) se omitiu. Ele foi omissivo nessa parte, deixou correr muito frouxo, deixou minha mãe ditar muito (...) Minha mãe sempre foi muito carente, e ela não queria deixar que os filhos sofressem com isso, entendeu? Então foi pelo contrário, ela foi em excesso. (Avelino, 33 anos)

Outro elemento importante que dificulta o estabelecimento de limites e que foi encontrado na grande maioria das entrevistas (sete) é a forte aliança do dependente de drogas com a mãe e/ou algum avô ou avó. Este aliado de outra geração tem poder para encobrir os deslizes do adicto e, muitas vezes, enfraquecer ou invalidar a autoridade do pai.

As relações em família são triangulares e, portanto, não deve ser vista apenas a díade pai-filho (Bowen, 1978). A aliança entre a mãe ou algum avô e o filho, excluindo o pai, caracteriza uma inversão hierárquica, minando a autoridade parental e, conseqüentemente, o estabelecimento de limites. Tal dinâmica familiar, chamada por Haley (1978) de triângulo perverso, é comum na família adictiva e foi encontrada em nossa pesquisa. Merece destaque o dado de que metade dos entrevistados (cinco) sofreu interferência direta de algum avô ou avó na sua criação. Este dado vai ao encontro dos resultados da pesquisa de Schenker (2005), que encontrou famílias de adictos onde os avós estão deslocados de seu lugar na hierarquia, atuando como pais e não favorecendo a autonomia do adicto.

Eu perdi a minha avó há uns 3 anos atrás; na época que eu não usava drogas, ela costumava dar uma mesada para a minha mãe colocar no banco, para eu ter guardado, para o meu futuro (...) Mãe do meu pai, mas era super amiga da minha

mãe. Era praticamente cúmplice da minha mãe em tudo. E ela me dava essa mesada para eu colocar no banco, para o meu futuro, e me dava de vez em quando dinheiro para eu sair, para comer alguma coisa na rua, para ir ao shopping e tal; sempre minha avó que me deu esse dinheiro. (Rodrigo, 22 anos)

Eu era muito apegado com a minha avó, mais do que a minha mãe. Eu era muito apegado à ela. (Fabio, 18 anos)

É, eu fiquei meio revoltado por que eu gostava muito, mas muito, muito, dele (referindo-se à morte do avô). Meu avô me acordava todo dia de manhã para eu ir para a escola, fazia o Nescau (marca de leite achocolatado) para mim.

(Gustavo, 21 anos)

Minha família sempre me defendia, me acobertava para o meu pai, eu e meu irmão. Novinhos, a gente já tinha carro e moto. Como a gente via o pai no final de semana, de 15 em 15 dias, a família escondia – a família que eu falo é mãe e avó – vamos esconder o veículo para ele (pai) não ver, porque ele é um advogado caxias. (Augusto, 19 anos)

A dificuldade dos pais em estabelecer limites em famílias onde surge a dependência de drogas é apontada por inúmeros autores (Reilly, 1979; Kalina & Korin, 1983; Stanton et al, 1985; Plass, 1996; Stempliuk & Bursztein, 1999; Freitas, 2002; Schenker & Minayo, 2003) e também foi encontrada em nossa pesquisa.

Podemos afirmar que nenhum dos entrevistados descreveu um pai emocionalmente presente, participativo e que estabelecesse limites no contexto de uma relação afetiva. Constatamos uma preocupação com os resultados como: boas notas, comportamento disciplinado, etc; sem, porém, um investimento no processo educacional para aquisição destas metas. Em nenhuma entrevista apareceu a combinação de uma relação de intimidade com o pai aliada à limites claros, firmes e coerentes. Evidencia-se nos relatos a fragilidade do pai enquanto autoridade, que, por sua vez, retrata uma dificuldade em relação aos limites que permeia todo o sistema familiar.

### **Reação à problemática do abuso de drogas**

A dificuldade familiar em relação ao estabelecimento de limites também fica evidenciada na reação dos pais à problemática do abuso de drogas. Três perguntas do roteiro da entrevista investigavam a temática que discutimos agora: como os pais descobriram o uso de drogas; como reagiram; como participaram do tratamento.

Constatamos, em nossa pesquisa, que a negação é um mecanismo de defesa frequentemente usado pelas famílias como reação à problemática do abuso de drogas. Sternschuss & Angel (1991) referem-se a uma cegueira familiar, sublinhando que a revelação da toxicomania é normalmente feita por uma pessoa exterior à família (juiz, policial, vizinho, amigo). Observamos, pelos relatos, que a descoberta do uso de drogas ocorre quando não é mais possível escondê-la: através da denúncia de terceiros ou evidências muito concretas, como achar droga em casa. A negação familiar pode ser percebida, nas entrevistas, na medida em que, na grande maioria dos casos (oito), a descoberta do uso de drogas não ocorreu através da observação de mudanças no comportamento do filho. Pode-se dizer, usando um trocadilho, que, muitas vezes, não foi a família que descobriu o uso de drogas, mas a droga (a informação referente a ela) que descobriu a família, como uma notícia que chega de pára-quebras.

Eu usava (droga) em casa e eles não sabiam. Eu comecei a usar droga com uns 15 anos. Quando eles descobriram eu tinha 17 anos. É aquele negócio, eu achava que eles desconfiavam e eles nem desconfiavam (...).É que teve uma situação, eu morava em um prédio, aí estava eu e uns amigos meus fumando, aí chegou uma senhora para visitar o prédio e sentiu o cheiro. Aí ela desceu, falou com a minha irmã. Mas meus pais estavam viajando e nós estávamos 3 semanas sozinhos em casa. Aí naquela que eu já estava achando que o meu pai desconfiava que eu fumava, no dia que eles chegaram, ele veio me perguntar o que tinha acontecido. Eu tinha achado que o dono do prédio tinha falado para ele que eu estava lá fumando. Foi aí que eu falei: Pai, eu fumo, mas fumo de vez em quando. Eles descobriram porque eu falei. (Heitor, 22 anos)

Durante um tempo o meu pai desconfiava, mas nunca teve certeza. Até um dia que começou a sumir dinheiro, algumas coisas de dentro de casa, a desconfiança ficou pelo ar mas nada foi dito, nem em relação ao meu pai, nem em relação a mim, nem em relação a minha mãe. Nenhum diálogo foi feito. Até um dia que minha mãe achou maconha nas minhas coisas, e ela pensava que eu estava roubando e trocando as coisas de dentro de casa para comprar maconha. Na realidade não era para comprar maconha, era para cheirar cocaína...

(Rodrigo, 22 anos)

Descobriram porque encontraram uma pedra de 25 gramas de maconha dentro do meu quarto. O faxineiro ia limpar o ar condicionado e eu escondia dentro. Na hora que ele foi abrir, caiu, e meu pai estava perto para ver. Ele tomou um choque, ficou assustado. Veio me perguntar de quem era, eu fui tentar dar desculpa, ele não acreditou. Minha mãe desmaiou quando ficou sabendo que eu estava usando drogas. Ela desmaiou. (Fabio, 18 anos)

Meu uso de drogas? Descobriram porque acharam bagulho dentro do armário.

(Julio, 35 anos)

A negação familiar constatada na pesquisa em relação à descoberta do uso de drogas também permeia a reação posterior dos pais ao problema. A negação se manifesta por meio de tentativas variadas de camuflagem da questão, como se a poeira fosse varrida para debaixo do tapete. Como consequência da negação, aparece o comportamento familiar de fuga, de não enfrentamento das dificuldades. Algumas reações dos pais, descritas pelos entrevistados, expressam esse padrão: permitir o uso da droga em casa (um caso); usar a droga junto com o filho (um caso); ocultar o problema do cônjuge (três casos); mudança de cidade para evitar as "más companhias"(dois casos); silêncio sobre o assunto (dois casos).

Ele (pai) me chamou para fumar um para comemorar! Eu cheguei e falei com ele: pô, pai, estou fumando maconha, eu fumei com meu primo, meu primo mais velho, eu falei que estava fumando aí ele me chamou para fumar um para comemorar. (Gustavo, 21 anos)

Acho que descobriu (mãe) logo no início, mas fechou os olhos (...) Preferia que eu ficasse dentro de casa usando do que na rua. Até o ponto da minha mãe chegar, eu estar fumando e eu dizer: mãe, espera um pouco (...) Foi um choque para ele (pai), ele não sabia mesmo de mim, dizia: Pô filho, você está tão magro, você come bem, como é que está tão magro?, eu falava: Engordei. Ele não sacava, foi um choque mesmo para ele. (Augusto, 19 anos)

Mas eu cheguei a fazer uso de maconha com conhecimento da minha mãe...sem o conhecimento do meu pai. Eu fumava no terraço de casa, ela sabia, ele tava desconfiado (...) Minha mãe tinha preocupação, mas maconha ela achava que fazia menos mal. Havia uma certa aceitação, mas com preocupação.

(Tadeu, 24 anos)

Aí a minha mãe descobriu, eu pedi à ela para não contar para o meu pai, ela falou que ia pensar no meu caso, e ia me dar 3 meses para mim ou parar ou contar para o meu pai. E nisso eu continuei fumando, cheirando, sem eles saberem. (Rodrigo, 22 anos)

Ele (pai) ficou um tempo sem falar comigo. Minha mãe falava, mas falava daquele jeito meio sabe como? Não era mais a mesma pessoa. Falava meio que friamente comigo. E meu pai não falava comigo, tipo um tempo sem relacionamento. (Heitor, 22 anos)

Krestan & Bepko (1993) destacam dois extremos da comunicação familiar adictiva: o silêncio e a extrema reatividade. Segundos as autoras, ambas mascaram a emoção autêntica; que pode ser a raiva, o medo, a tristeza, etc. Verificamos, na clínica com pacientes, que a reatividade muitas vezes toma o lugar da ação efetiva. O familiar, geralmente a mãe, costuma controlar obsessivamente o adicto

na tentativa de evitar o seu uso de drogas. O contraponto ao excessivo controle da mãe, com frequência, é a passividade do pai e vice-versa. Estabelece-se, dessa maneira, uma dinâmica onde a mãe, na maior parte das vezes, fica extremamente ansiosa e envolvida com o problema e o pai está em posição mais periférica, por razões variadas. Tal dinâmica dissonante apareceu em muitos relatos.

Pessimamente (como a mãe lidava com o alcoolismo). Ela não sabia lidar com isso. Eram brigas constantes, ela me trancava na rua, não deixava eu ir para casa ou se entrava em casa..., mesmo que eu entrasse bêbado, mas quieto, que eu não sou bêbado agressivo. Chegava bêbado em casa, queria chegar quietinho para ninguém me ver. Deitar e dormir. Ela fazia questão de ir me chamar, me acordar para arrumar uma briga, para discutir comigo porque eu tinha chegado bêbado.

(Felipe, 27 anos)

Minha mãe ficou me perseguindo, aí começou a perseguição, entendeu? Me cheirava, escutava telefone meu, meus amigos não podiam me ligar, ninguém ligava lá para casa (...) Meu pai nunca falou nada. Ele deixou para a minha mãe.

(Avelino, 33 anos)

Eu cheguei da escola chapado (sob efeito da maconha), minha mãe achou e me acordou: que m. é essa?, neurótica, completamente. Fazendo um estardalhaço. Nem dei idéia. (Gustavo, 21 anos)

Percebemos, a partir das entrevistas, que a reação familiar à problemática adictiva é atribuída exclusivamente ao dependente de drogas. Ele ocupa a função de bode expiatório. Os pais, inicialmente, não se incluem como parte do problema, considerando sua parcela de responsabilidade. O sintoma, segundo Groisman, Lobo & Cavour (1996), pode ser uma tentativa da família não rever situações e fazer as atualizações relacionadas a uma etapa do ciclo vital, mantendo o "tempo congelado". A negação familiar contribui para manter o *status quo*, acobertando os desafios da família, como, por exemplo, lidar com o crescimento dos filhos. Os pais desta pesquisa parecem fechar os olhos para temas levantados por alguns entrevistados que indicam a necessidade de mobilização de todo o sistema: adicção de um dos pais; mortes traumáticas; separações mal resolvidas; negligência dos pais e atuação de avós como pais.

Um aspecto positivo, constatado no grupo pesquisado, foi a alta participação dos pais no tratamento da dependência de drogas, em atividades dirigidas a eles na clínica e em outros lugares, como grupos de mútua-ajuda. Apesar de, inicialmente, eles não aparentarem reconhecer a sua parcela de responsabilidade em relação ao problema do filho, as terapias que visam orientá-

los sobre a adicção proporcionam um espaço de reflexão para a família e os implicam, pouco a pouco, no tratamento. Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que a adicção denuncia a paralisação familiar, traz também a oportunidade de mudança, ainda que inicialmente para ajudar o adicto.

Em relação ao posicionamento do pai, no que diz respeito à problemática adictiva, ficou evidenciado o seu distanciamento da questão, segundo a ótica dos entrevistados. Apenas um pai - dentre as dez entrevistas - foi descrito pelo filho como atuante, junto à mãe, na busca de alternativas para enfrentar o problema. A omissão paterna, após a revelação do abuso de drogas, aparece nos depoimentos de diversas maneiras: não falar com o filho; "não saber" do problema; não dar importância ao problema por também usar drogas; crucificar o filho como marginal, como se nada pudesse ser feito; estar também internado para tratamento da adicção; não participar devido ao divórcio.

A exclusão do pai está correlacionada, também, à postura da mãe, que além de não incluí-lo no enfrentamento da crise, muitas vezes ainda encobre o filho, ocultando a descoberta do uso de drogas. Novamente, salientamos que cada parte do sistema familiar tem a sua cota de responsabilidade em relação ao sintoma, visível no adicto, mas refletindo desafios de toda a família em favorecer a individualização dos seus membros.

### **Percepção dos papéis de gênero**

O lugar do pai na família está vinculado ao papel do homem na nossa sociedade. As expectativas em relação à paternidade estão atreladas às expectativas em relação à masculinidade. Buscamos, neste trabalho, compreender a percepção dos entrevistados sobre os papéis de gênero, dada a sua influência na concepção dos papéis parentais, que discutiremos em seguida.

As falas dos entrevistados refletem a complexidade das definições de papéis de gênero na contemporaneidade. Foi possível identificar nos discursos a coexistência dos estereótipos relacionados aos gêneros e de uma visão mais moderna enfatizando a igualdade entre os sexos. Como assinala Jablonski (1998, 1999), observa-se nos homens uma atitude igualitária que contrasta com um comportamento conservador. As crenças tradicionais e mais arraigadas sobre masculinidade e feminilidade muitas vezes estão escondidas por detrás de um

discurso politicamente correto a respeito do tema. Quatro entrevistados demonstraram contradição a esse respeito. Eles falaram da semelhança entre homens e mulheres e, paradoxalmente, demarcaram as diferenças, à maneira tradicional.

Bom, hoje eu acho que não dá bem para distinguir homem e mulher. O homem tem que ter suas responsabilidades, tem que ter um caráter de homem. Acho que é mais isso que diferencia o homem de uma mulher...ele é o cabeça de família, acho que a base de uma família vem da parte mais do homem. Mas, acho que toda união, toda a convivência para ser aceitável, ser boa, tem que principalmente partir do homem (...) A mulher é mais tolerante, mais flexível que um homem, menos preconceituosa. (Tadeu, 24 anos)

Eu sou muito liberal (...) Eu acho que tanto homens quanto mulheres têm capacidade e potencialidade iguais e independe de sexo; a capacidade e o potencial de um ou outro pode fazer ou atingir. Se fosse falar em sexualidade, masculinidade ou feminilidade seria outra coisa. Ser homem e ser macho é simplesmente você ter a sua postura de hombridade, de dignidade, de honradez, se impor no seu lugar se você for um pai, se colocar no seu lugar se você for um marido, com honradez, com dignidade. Entendeu? Tenho amigos homossexuais, não sou contra o homossexualismo, mas eu acho que masculinidade, hombridade, ser pai não combinam com homossexualismo. E vale a mesma coisa para mulher. Ela se por no lugar dela como mãe, como mulher, como esposa. (Felipe, 27 anos)

Eu acho que depende, cada caso é um caso. Por que tem homem que é completamente insensível, o homem tende a ser mais insensível que a mulher (...) A beleza física eu acho importante, mas não é a única coisa que conta para mim, como de repente para muitos aí conta só isso. Ou então o machão que só quer pegar a mais gostosa de todas. Para mim não, às vezes pode ser a mais bonita, a mais gostosa, mas se tem a cabeça de merda, para mim não serve de nada. É lógico que se der mole vou pegar... Aquilo que eu estava falando, além da mulher ser bela fisicamente, para mim conta muito a beleza interior, ou a cultura da mulher, o preparo da mulher, a mulher esforçada, a mulher honesta; isso para mim é fundamental. (Avelino, 33 anos)

Quatro entrevistados reproduziram, em sua fala, a tradicional visão do masculino e do feminino, com uma linha bem nítida demarcando características opostas atribuídas aos gêneros. Tais características tendem a ser encaradas, nesse discurso tradicional, como constitucionais, e não socialmente construídas. Como sublinha Rosen (1999), a criação dos filhos baseada nas diferenças de gênero permanece ainda muito entranhada em nossa cultura. As meninas são encorajadas a serem afetivas e os meninos a serem durões e competitivos. Esses velhos padrões são transmitidos através de muitas gerações e permanecem arraigados no homem e na mulher, sendo reproduzidos por ambos.

A metáfora do "boçalossauro" é usada por Jablonski (1995) para ilustrar o quanto é difícil modificar entranhados comportamentos machistas. O "boçalossauro" seria um dinossauro que escapou da extinção e que habitaria a alma masculina levando o homem a recaídas machistas, de acordo com os princípios de uma dupla moral sexual. Algumas respostas dos entrevistados pareceram ressuscitar o "boçalossauro" que, segundo nossa visão, é alimentado, muitas vezes, também pela mulher. Essa metáfora destaca, de forma lúdica, o descompasso freqüente entre o discurso moderno e o comportamento conservador.

Eu não sei ao certo o que é ser homem. Ser um homem para mim é ter caráter, ser fiel e respeitar as pessoas (...) Mesmo namorando uma menina gente finíssima...eu gostava dela e ela me amava, ainda fico com esse sentimento de que eu tenho que trair, porque eu tenho que chegar no grupo de amigos e chegar e falar que eu não sou fiel, sou uma pessoa galinha, que a minha mulher está em casa. eu achava bonito essas coisas, que eu sei que é errado, mais eu acho bonito. Ser mulher? Mulher... cara, hoje é meio sinistro falar. Eu acho que mulher tem que ser carinhosa, tem que ser fiel também, porque é muito difícil você ver mulher fiel, apesar de ser mais fácil você encontrar uma mulher fiel do que um homem. Mas tem que ter... Tem que ser bonita, para mim tem que ser bonita, tem que ser fiel, tem que ser vaidosa, tem que ser carinhosa, tem que ter caráter. É isso. (Heitor, 22 anos)

Ser homem é ser educado, mostrar as coisas com clareza, ser... como se fala? Nunca mentir, homem não pode mentir, quem mente é mulherzinha, para mim (...) Mulher, eu não tenho como te responder isso, né?! Tem que saber superar. Saber conviver... pô, nem sei também se isso é ser mulher! Ah, tem que ter um carinho, tem que ter um afeto. Mulher para mim tem que ter isso tudo. Afeto, carinho. (Fabio, 18 anos)

Eu acho que o homem é mais agressivo, mais forte naquilo que ele faz, mais objetivo. E a mulher, por mais que os tempos tenham mudado, eu acho que ela é meio insegura ainda. Ainda sofre o preconceito da sociedade em relação a trabalho. (Rodrigo, 22 anos)

Conforme discutimos no segundo capítulo, as fronteiras, antes nítidas, entre os papéis a serem desempenhados pelos gêneros foram sendo abolidas. Nolasco (1995) refere-se a um processo de desconstrução do masculino. O autor sublinha que não existe mais "o masculino" como referência para o comportamento dos indivíduos. Messeder (1995) também aponta a desconstrução do discurso naturalista e linear, onde havia clara oposição masculino/feminino. Dois entrevistados demonstraram essa tendência, descrevendo homens e mulheres de forma semelhante. Além deles, outros quatro entrevistados falaram da

indiferenciação masculino/feminino; porém, como já mostramos, foram contraditórios depois, ressaltando as diferenças.

Está meio misturado esse negócio de ser homem e ser mulher hoje em dia. Ser homem é ter um pinto. Porque hoje em dia mulher faz tudo que o homem faz e o homem faz tudo que a mulher faz. Só sexualmente que é diferente. O mundo mudou, né gente?! (Julio, 35 anos)

Homem é ter suas responsabilidades, ter seu trabalho, construir uma vida, construir uma família. Mulher também, trabalhar, estar participando, estar conversando com pai, estar junto. (Gustavo, 21 anos)

Esperávamos que o tema paternidade/maternidade evocasse questões relacionadas ao papel do homem e da mulher; entretanto, constatamos essa associação também pelo caminho inverso: perguntamos sobre homens e mulheres e cinco entrevistados responderam sobre ser pai e/ou mãe. Badinter (1992), discute a questão do instinto materno ser socialmente encarado como atributo intrínseco feminino, o que, além de ser um mito, gera um peso para mulher. Muitos entrevistados vincularam diretamente feminilidade à maternidade. Houve também a ligação masculinidade/paternidade. Outro ponto interessante é que os entrevistados, ao falarem sobre ser homem e ser mulher, tomaram, sobretudo, os seus pais como referência. Isso ocorreu também nos casos em que suas vivências junto a estes foram dolorosas. Tadeu, por exemplo, começa falando sobre o papel do homem, faz referência ao papel de pai e conclui, analisando o cenário atual em relação ao tema, comparando-se com o seu pai.

O homem tem que ter um papel dentro de casa que possa não estar fugindo de suas regras de responsabilidade, de pai, de filho também. É complicado! Você vê que a mulher, quando há falta de pai, a mulher consegue na maioria das vezes suprir esse papel, mesmo que fique faltando alguma coisa no futuro. Mas a mulher faz muito melhor do que o homem, no caso o pai, quando há falta de uma mulher. (...)Tem melhorado com o passar dos anos, até nos casos de relacionamento e de fidelidade, a gente vê que as coisas estão mudando hoje. É o que eu vejo, porque eu me sinto diferente do meu pai. (Tadeu, 24 anos)

Ser homem é você exercer o papel de homem. É você estar do lado do seu filho, é você ter responsabilidade com a sua casa, cuidar da sua esposa. Para mim é isso. E dentro desse quadro, meu pai não se enquadrou nisso, por isso que eu sinto falta dele. (...) É ser feminina (fala sobre o que é ser mulher). Ser feminina é você ser mãe. Não o fato de ser mãe, mas dentro da possibilidade de ser mãe. É você exercer seu papel de mulher, independente de ser submissa ou não. A minha mãe eu já acho que enquadra certinho no exemplo de ser mãe, de ser mulher. Porque ela é responsável, ela é feminina, ela é culta e ela me ajudou de todas as formas que ela pôde. (Jaime, 23 anos)

Discutimos, anteriormente, que os desafios da paternidade estão atrelados aos desafios da masculinidade. Diversos estudiosos (Osherson, 1986; Corneau, 1989; Badinter, 1992) enfatizam as dificuldades para o desenvolvimento da identidade masculina. Segundo Osherson (1986), o menino precisa se afastar da mãe para se afirmar, sem ter, na maioria das vezes, um pai por perto. O garoto vai renunciando às características associadas à mãe e ao feminino, como a afetividade e a vontade de ser cuidado. É como se, devido à socialização tradicional, que enfatiza a diferença entre os gêneros, o menino fosse "endurecendo" para se sentir homem. Esse processo é diferente se há um pai próximo e acolhedor como referência masculina.

Nossos dados vão ao encontro do exposto acima, na medida em que mostram, em muitos depoimentos, uma masculinidade rígida e sem ternura. Um exemplo é a palavra responsabilidade, que aparece três vezes associada ao homem. Foram também citadas as seguintes expressões na descrição do que é ser homem (listadas exatamente como foram ditas): força; agressividade; "cabeça" (no sentido de liderança); caráter; pai; perseverança; trabalho; objetivo; dignidade; honradez; se impor; clareza; construir; grosseiro; durão. No outro extremo está a descrição do que é ser mulher, a partir das seguintes expressões: tolerante; flexível; amável; carinhosa; amor; fiel; bonita; vaidosa; caráter; insegura; mãe; feminina; afeto; saber conviver; saber superar; beleza; cultura; preparo; honesta; trabalhar. Pelo relato dos entrevistados, o terreno onde se assenta a masculinidade é bem mais árido que o da feminilidade.

Podemos afirmar que prevaleceu, na nossa pesquisa, a visão tradicional em relação aos gêneros, onde características opostas definem a identidade masculina e feminina. Oito entrevistados (entre dez) referiram-se, em algum momento, aos estereótipos sexuais - somando-se as quatro entrevistas com perfil tradicional e as quatro com trechos contraditórios. Por outro lado, as entrevistas em que sobressai a ambivalência em relação ao tema e as duas com perfil moderno, sublinhando a igualdade entre os gêneros, remetem-nos às mudanças em curso na nossa sociedade, embora ainda mais evidentes no discurso do que no dia-a-dia do relacionamento entre homens e mulheres.

Destacamos que essa concepção mais tradicional em relação aos gêneros não favorece o lugar do pai como mais próximo do filho. O homem descrito pela

maior parte dos entrevistados, com uma afetividade pouco desenvolvida, dificilmente estabelecerá uma relação íntima com o seu filho.

### **Percepção dos papéis parentais**

Em nossa investigação buscamos verificar a percepção dos papéis parentais, o que cabe ao pai e à mãe na criação dos filhos, na visão dos entrevistados. Alguns entrevistados ficaram, no começo, confusos por não serem pais (apenas três entrevistados têm filhos). Explicamos que eles deveriam falar sobre sua percepção acerca desses papéis.

Coerentemente com o material sobre a percepção dos papéis de gênero, constatamos aqui, também, a oposição entre o papel parental do pai e da mãe, seguindo um viés mais tradicional e conservador do assunto. Oito entrevistados demonstraram ter uma visão tradicional dos papéis parentais, demarcando uma linha bem nítida entre as respectivas funções. O pai aparece mais associado à inserção social do filho e como provedor, ou seja, em uma dimensão mais objetiva e pragmática. A mãe aparece mais vinculada ao suporte emocional, afetivo. Essa visão tradicional prevaleceu apesar das mães de metade dos entrevistados (Heitor, Gustavo, Jaime, Julio e Felipe) trabalharem fora de casa.

Mas o que cabe o papel de um pai? Estar junto, acompanhar o crescimento dos filhos, o encaminhamento para a vida social, e a própria educação, parte dos dois... E ser mãe? O carinho para com o filho, um certo conforto, muito mais uma identificação de todos os filhos com a mãe que com o pai quando há um convívio dos dois. O conforto a gente busca do lado da mãe. A busca de informação, de conhecimento passa mais do pai. (Tadeu, 24 anos)

Eu acho que um pai é uma pessoa para te dar um suporte financeiro, um suporte como amigo entre um homem e um homem, incentivos de profissionalismo, conversas sobre mulheres, sobre sexo, sobre futebol, sobre essas coisas de homem. E quanto a minha mãe, é a parte mais carinhosa, mais afetiva; acho que a mãe serve para esse papel. Para fazer carinho, para ter aquele ombro estendido nas horas de chorar, eu acho isso. (Rodrigo, 22 anos)

Ser pai é dar exemplo. Sustentar. Dar o exemplo... todo filho se espelha no pai, né? Ser mãe é ser amiga. (Julio, 35 anos)

O papel da mãe foi bem mais valorizado do que o papel do pai por muitos entrevistados, coerentemente com a percepção mais conservadora dos papéis parentais. Um número alto de entrevistados (sete) demonstrou valorizar bem mais

a mãe, em comparação ao pai, sublinhando a sua importância nas suas vidas. Stanton et al (1985) descrevem um padrão típico para famílias de adictos do sexo masculino onde a mãe tem uma reação indulgente, superprotetora, apegada e abertamente permissiva com o filho adicto, enquanto o pai é mais distante. Os entrevistados descreveram uma relação mãe-filho com um padrão simbiótico, marcado pelo lugar central materno.

Eu acho que mãe é tudo. É o paparico, é o carinho que você tem que receber de uma pessoa; a pessoa que você mais tem que receber carinho é da sua mãe, a mãe que tem que estar sempre presente, participando da vida da criança, do filho, no caso. (Heitor, 22 anos)

Ser mãe é muito mais bonito que ser pai, porque mãe é tudo, mãe sempre fica com o filho quando o filho está certo, quando o filho está errado, nunca critica o filho, o filho é o ídolo, é idolatrado para o resto da vida, o meu ponto de vista é esse. (Augusto, 19 anos)

Eu acho que ser pai e mãe significa responsabilidade. É da maneira que eles fazem, porque eu estando mal ou bem eles estão do meu lado. Eu estando bem, eles estão bem também, eu estando mal, eles estão mal também. É a união (...) Eu acho que a mãe está sempre mais próxima, né? Eu acho. Mais junto do filho. Não sei se é pela doença do meu pai que eu percebi isso, meu pai está mais afastado. (Jaime, 23 anos)

Observamos, na fala de alguns entrevistados, indícios de codependência da mãe. Como salienta Zampieri (2004), a codependência é tanto uma reação à dependência, quanto um reflexo da dificuldade da família em permitir a individualização dos seus membros. Realmente, algumas descrições remetiam-nos a uma relação mãe-filho com um nível de cuidado e investimento compatível com uma fase infantil, como se o tempo estivesse congelado (Groisman, Lobo & Cavour, 1996), evitando-se a emancipação dos filhos.

A palavra carinho foi citada por metade dos entrevistados (cinco) como associada à mãe e apenas duas vezes como relacionada ao pai. Podemos perceber uma visão naturalista em relação ao papel materno, como se a mãe tivesse a capacidade inata de se dedicar de forma mais afetiva ao filho. Dentro dessa perspectiva, o pai não teria a mesma habilidade para cuidar do filho, ficando menos próximo. Essa visão é, segundo diversos autores (Parseval, 1981; Lamb, 1986; Badinter, 1992; Loewenstein & Barker, 1998), uma grande barreira a um maior envolvimento na criação dos filhos.

Enquanto o carinho aparece associado à mãe, o limite foi mais freqüentemente associado ao pai (quatro vezes). A descrição do pai como exemplo foi feita três vezes, sendo ressaltado, desta maneira, o lugar do pai como referência para o homem. O limite apareceu como função da mãe apenas nas duas entrevistas onde não houve demarcação dividindo os papéis parentais.

Metade dos entrevistados (cinco) referem-se diretamente a pelo menos um dos seus pais ao falarem sobre o que é ser pai/mãe. Outros, os citaram indiretamente no seu relato. Nossos dados são semelhantes aos de Ramires (1997), que constatou que o exercício da paternidade depende da experiência dos entrevistados como filhos, e de como introjetaram o modelo dos seus pais. Heitor, por exemplo, ao falar sobre os papéis parentais, estava descrevendo a sua experiência como filho: seu pai dizia não sem justificativas e a sua mãe é o seu "xodó"(sic), mesmo sendo vista por ele como infantil.

Pai para mim, eu acho que em primeiro lugar, o pai tem que ser amigo do filho. Impor limites, mas sempre dando a justificativa. Porque eu acho que o maior problema que as crianças, que a gente tem assim, é receber um não e não saber porque está recebendo um não. Eu falo do pai como sendo o seu melhor amigo, mas a mãe, não sei, a mãe eu acho que é até mais do que melhor amiga, entendeu? A parada (questão) para mim é fora do normal. Apesar de eu achar ela (mãe dele) criança, achar que ela tem mais defeito que o meu pai, só que eu acho que a parada inconscientemente faz a maior diferença para mim.

(Heitor, 22 anos)

Eu acho que um pai não deveria ser como o meu pai foi, eu acho que um pai deveria ser mais presente na vida do filho, chegar e: e aí, como é que está? Vamos lá, vamos caminhar juntos! Quando o meu pai foi querer me cobrar as coisas já era muito tarde, eu cheguei a me atracar com o meu pai, cheguei a brigar com ele, cheguei a sair na porrada. (...)Uma mãe... pô, eu acho que minha mãe me ama demais. Eu acho que minha mãe é mais protetora, sei lá... essa pergunta é mais difícil para mim. (Gustavo, 21 anos)

Apesar da maioria dos entrevistados ter demonstrado uma percepção tradicional dos papéis parentais, dois deles explicitaram uma visão mais moderna, onde ambos os pais têm as mesmas funções. Felipe, além disso, abordou a dificuldade dos pais em permitirem o crescimento dos filhos. É interessante apontar que Felipe e Avelino, que defenderam a igualdade de papéis parentais, ao falarem sobre a percepção dos papéis de gênero, foram contraditórios, enfatizando as diferenças tradicionais entre homens e mulheres. Julio e Gustavo, que apresentaram uma visão moderna sobre papéis de gênero, falaram do pai e da mãe

de forma tradicional, talvez por não terem conseguido se descolar da percepção dos seus próprios pais - ambos relataram na entrevista grandes dificuldades na relação com o pai.

A coexistência de valores tradicionais e contemporâneos no exercício parental é apontada por diversos estudos (Trindade, 1993; Trindade, Andrade & Souza, 1994; Brasileiro, Jablonski & Féres-Carneiro, 2002) e pode manifestar-se em contradições no discurso, como discutido acima. A crença de que a mãe é a responsável por gerir a criação dos filhos convive com o ideal igualitário de que a responsabilidade deve ser repartida.

Educar, orientar, acompanhar o crescimento.... impondo limites, estabelecendo limites, a criança precisa de limites, principalmente para aprender a conviver. A educação começa na infância e tem que sofrer uma evolução na forma como essa pessoa é educada (...)Eu acredito que ser pai e ser mãe é você conseguir acompanhar esse crescimento dos filhos, da infância, da adolescência e da fase adulta, e dentro dessas três fases estabelecer limites e comportamentos adequados tanto para um quanto para outro dentro dos seus papéis. De pai, mãe e filho. Serve para os dois. Para o pai e para a mãe. (Felipe, 27 anos)

Ser um exemplo para o filho, isso daí ele (pai) foi. E dar limite, além de ser um exemplo tem que dar limites, porque quando você está em formação você está descobrindo o mundo, você acha que você é imortal, que você pode tudo, só que ninguém pode tudo. Então eu acho que é dar o exemplo e colocar limite na criança. Mãe é exemplo, a mesma coisa, exemplo, carinho – o pai também, carinho – cobrar, dar limite. Eu acho que é esse o papel. (Avelino, 33 anos)

Constatamos, em relação à percepção dos papéis parentais, uma discrepância dos entrevistados na forma de encarar o papel materno e paterno. Seguindo os clichês tradicionais, foi atribuída à mãe a função nutridora, em termos afetivos; e ao pai aspectos da educação ligados à inserção social. Sobressaiu na pesquisa a valorização da mãe, considerada pelos entrevistados como mais importante que o pai na criação do filho. Além do lugar mistificado da mãe na nossa sociedade, o distanciamento paterno contribui para inflar o lugar materno, que, por sua vez, facilita a exclusão do pai, configurando um ciclo vicioso.

A percepção do pai como naturalmente menos afetivo não estimula a construção de uma relação mais íntima, gerando uma postura familiar conformista do tipo: "pai é assim mesmo", retroalimentada por todo o sistema. O não questionamento desse lugar do pai mais periférico - verificado em muitos relatos -

ajuda a perpetuar, ao longo das gerações, o estigma, que acaba se confirmando e se repetindo, do pai ausente.

## Casal parental

Os dados para a análise do casal parental não surgiram de nenhuma pergunta específica do roteiro da entrevista. Discutimos a dinâmica do casal parental através do olhar dos entrevistados sobre os seus pais. A descrição feita pelos sujeitos de vários aspectos da educação recebida pelos seus pais nos instigou a refletir sobre questões relativas à interação do casal parental.

Metade (cinco) dos entrevistados tem pais casados e a outra metade tem pais separados. Carvalho et al (1995), em estudo com estudantes brasileiros, apontaram a qualidade do relacionamento familiar como um importante fator de proteção em relação ao abuso de drogas, independente dos pais serem casados ou não. Ressaltamos que o entrosamento do casal parental não depende do fato deles serem casados ou separados. Evidentemente, a separação traz desafios ao exercício parental - especialmente quando não é amigável.

O relato dos sujeitos sobre os seus pais revelou uma dinâmica parental tradicional, coerente com a percepção tradicional dos papéis de gênero e parentais discutida anteriormente. Prevaleceu a divisão estereotipada do papel materno e paterno, na qual a mãe é a responsável pela educação e o pai é o principal provedor. A mãe foi descrita como mais atuante na administração do dia-a-dia, enquanto o pai ficava mais à margem desse cotidiano, muitas vezes cobrando resultados, como o desempenho escolar, por exemplo.

Meu pai gostava de ver o boletim. Minha mãe é que durante o semestre, bimestre, trimestre, o ano, cuidava se eu estava fazendo o dever de casa, se não estava. Mas sempre dava uma tapeada nela. (Julio, 35 anos)

Agora, acho que ele deixou muito a minha mãe tomar as rédeas da educação, entendeu? Por que eu acho que era o modelo antigo, né? O marido trabalha e a mãe educa os filhos. (Avelino, 33 anos)

Meu pai não lidava, não lidava com nada. Minha mãe é que sempre esteve atuante nisso; ela sempre observou, sempre perguntou sobre o boletim, sempre pegou minhas notas. Fez o papel de mãe de verdade. (Jaime, 23 anos)

A separação não é a causa, mas pode afastar ainda mais os pais de um exercício parental compartilhado. Estudo de Dantas (2003) sobre o exercício da paternidade após a separação revelou que a educação e os limites eram vistos como atribuições da mãe. O contato entre o pai e os filhos era mais voltado para o lazer. Os dados de Dantas reforçam a questão da separação ser mais uma barreira ao maior envolvimento paterno. Felzenszwalb (2003) também sinaliza que o pai tende a se afastar do filho quando a relação conjugal entra em crise, como se a paternidade estivesse vinculada ao casamento, como em um "pacote".

Agora, de errado, o que me magoou muito, desde pequeno, era: marcava para sair, marcava meio dia para ele vir me buscar, ele chegava as três da tarde, ficava esperando pelo meu pai. Dia dos pais que, às vezes, ele não estava presente, eu ia à missa, fazia catecismo, uma vez eu chorei bastante: pô, meu pai não está comigo. São pequenas coisas que magoam a criança, né? E não é por estar separado da minha mãe; é claro, tenho uma mágoa pequena, mas eu sei que isso acontece com todos, mas quem não gosta de ver seu pai e sua mãe dentro de casa juntos? É um sonho. (Augusto, 19 anos)

Eu acho que o que faltou entre os meus pais foi o diálogo entre os dois. Mesmo que eles não estivessem juntos. Faltou por que um fica falando, fica sempre: ah, por que tua mãe é isso, isso e aquilo; e minha mãe também: seu pai é o maior... (Gustavo, 21 anos)

Um obstáculo ao fortalecimento da parceria parental é a interferência constante dos avós na educação. Metade (cinco) dos entrevistados descreveu um cotidiano familiar no qual um dos avós exerce um papel parental. Em todos os casos esse avô ou avó parece ocupar o lugar do pai, formando uma dupla com a mãe, atuando como educador e, em alguns casos, até como provedor financeiro.

Porque a minha avó era a única que me dava dinheiro. Meu pai nunca falou nada sobre dinheiro, nunca me repreendeu, nunca me incentivou a guardar dinheiro, a economizar. Ele sempre foi passivo em relação a isso (...) Ele me dava dinheiro para pagar, por exemplo, um passeio da escola, uma viagem que eu fosse fazer com amigos. Mas mesmo assim a minha avó também ajudava. Meu pai me dava tanto e a minha avó me dava tanto. Sempre tinha a minha avó no meio. (Rodrigo, 22 anos)

Eu não consigo lembrar direito como era o meu lazer com a minha mãe porque eu ficava muito com a minha avó. Ela me deixava muito na casa da minha avó materna e paterna. Mas, de qualquer maneira, ela me levava ao zoológico, me levava para passear, me levava à praia... como uma mãe normal, né? Com o meu pai eu não tinha lazer porque ele estava sempre internado, sempre doente. A dependência química dele já estava atuando nessa época. (Jaime, 23 anos)

A fala dos sujeitos aponta um relacionamento entre os pais marcado pela pouca flexibilidade dos papéis. Tal rigidez parece favorecer uma dinâmica no casal parental na qual um joga a responsabilidade de tomar determinadas decisões em relação ao filho para o outro. Esse padrão fica evidenciado na típica frase: "fala com a sua mãe", quando algum pedido é feito ao pai, por exemplo. Pai e mãe parecem dividir as tarefas relativas à educação em compartimentos estanques: cada um cuida da sua área de atuação e não se envolve na do outro. Há ainda os casos em que apenas um dos pais é encarregado da educação. Os entrevistados, entretanto, parecem sentir falta de poder contar com ambos os pais formando uma parceria.

Foi como eu falei atrás, o meu pai sempre deixava tudo na mão da minha mãe. Então, por exemplo, se eu quisesse sair para algum lugar, quisesse viajar para algum lugar, eu chegava para o meu pai e falava: pai, posso ir? e ele: fala com a sua mãe, aí eu falava com a minha mãe e a minha mãe permitia ou não. Sempre foi assim. (Rodrigo, 22 anos)

Os meus pais...a minha mãe fez o papel dela e sempre supriu um pouco o lado do meu pai né...eu gostaria que o papel de pai e mãe fosse muito mais amplo, que não houvesse mais esse negócio de papel de pai e mãe; o pai e a mãe tem que fazer papel dos dois. Há sempre uma informação nova ou consciência e experiência dos dois. Isso traria, faria que um filho pudesse buscar como um espelho não um para um certo tipo de caso e um outro para uma outra certa ocasião, buscasse espelho nos dois para haver a formação de uma pessoa mesmo, do caráter de uma pessoa. (Tadeu, 24 anos)

Eu acho que o papel dos dois, qualquer criança para ser bem criada, qualquer pessoa para atingir a fase adulta com uma criação bem estruturada, ela tem que ter o pai e a mãe, eles têm que co-existir em harmonia. Os dois juntos têm que formar a educação dessa criança, desse adolescente que amanhã vai ser um adulto. (Felipe, 27 anos)

O exercício parental caracterizado pela rígida divisão de papéis fica cindido, ao invés de compartilhado. Essa cisão frequentemente abre brechas para a manipulação do filho, pelo desconhecimento ou discordância de um dos pais em relação às decisões do outro. A comunicação também fica falha nesse esquema, já que o casal parental não conversa e decide junto, mas delega atribuições ao outro ou se submete ao seu arranjo. Uma situação comum, para ilustrar, é o filho fazer um pedido ao pai que seria proibido pela mãe. O pai pode acabar fazendo a concessão por desconhecer uma decisão anterior tomada pela mãe. Outras vezes, a mãe se alia ao filho na sua demanda e tenta driblar a resistência paterna. Nesses

exemplos evidencia-se a falta de sintonia entre os pais. Vários relatos mostraram a manipulação do adicto, denunciando, em nossa opinião, a falta de coesão parental.

Meu pai sempre foi uma pessoa pão dura, em caso de dinheiro eu recorria a ela (mãe). Ela buscava pedir a ele p/ dar a gente, às vezes era escondido, a gente nunca chegava diretamente a ele. Minha mãe não tinha muita cobrança, já meu pai era mais rígido. (Tadeu, 24 anos)

Sempre que a gente falava alguma coisa com ela (mãe), ela falava: vê com o seu pai. Vê com o seu pai. Então com a minha mãe era mais tranquilo, entendeu? Porque era mais fácil enganar a minha mãe, entendeu? Então eu podia não estar estudando, aí eu falava que estudava e ela acreditava. Meu pai já não. Meu pai é mais esperto. Minha mãe era sempre... A gente conseguia manipular ela (...)No começo minha mãe dava mais dinheiro. Mas depois foi meu pai. Tanto que hoje em dia a minha mãe fica p. da vida com o meu pai porque tudo que a gente pede ele dá para a gente. (Heitor, 22 anos)

Eu aprendi muita coisa aqui nessa clínica, é a famosa manipulação, acho que desde pequenininho eu já tenho esse dom de manipulação e elas sendo meus co-dependentes (mão e avó), como se diz aqui. Era assim. (Augusto, 19 anos)

Outra questão correlacionada à cisão parental é a formação de uma aliança entre o filho e um dos pais. Uma consequência da frágil parceria parental é o filho ir adquirindo poder na família, tornando-se muito influente e próximo a um dos pais. Stanton et al (1985) apontam como algumas das características das famílias adictivas a formação de alianças explícitas entre os subsistemas familiares e práticas simbióticas das mães de adictos com os filhos. A debilidade do elo entre o casal parental favorece a codependência da mãe em relação ao adicto, estabelecendo-se assim um triângulo perverso (Haley, 1978), marcado por uma inversão hierárquica.

O meu relacionamento com a minha família, hoje, está muito complicado. Nós estamos com um quadro grave de codependência (...) E a minha mãe quer que o mundo gire em torno dela. Quer assumir o papel dela de pai, de mãe, os papéis estão meio... com uma codependência muito grande e houve uma mistura nos papéis, no meu papel como filho; no dela como mãe, como pai; no da minha irmã e mãe. Houve uma grande confusão nos papéis e isso gerou um conflito também entre a minha noiva, minha mãe e minha irmã. (Felipe, 27 anos)

... até me culpava um pouco por isso, por ela (mãe) de repente me preferir. Eu me perguntava: por que ela gosta mais de mim do que dos meus irmãos?, quando na verdade não era nada disso. Eu acho que ela tentou eternizar comigo uma situação que não tem como eternizar, entendeu? Eternizar os filhinhos. Como eu era o mais novo, ela se segurou em mim (...) O meu pai foi sempre muito tímido. Meu pai foi muito fechado, entendeu? O amor dele era claro pelos filhos, por

mim, por todos. Mas ele era muito... sei lá, era o jeito dele, muito fechado, muito quieto. E deixou sempre na mão da minha mãe. (Avelino, 33 anos)

Eu sentava com eles, eles começavam a falar comigo, aí eu começava a esclarecer as coisas, falar sobre mim, que eu estava namorando e tal, com a minha mãe. A minha mãe ficava machucada, porque a minha mãe sempre me mimou e só queria que eu namorasse depois dos 18 anos de idade. Garoto é para estudar e não namorar, para ela sempre foi assim. Meu pai falou: tem que pegar mesmo, namorar mesmo. Tem que namorar. Falavam isso, essas coisas.

(Fabio, 18 anos)

Nossa análise do casal parental, tal como percebido pelos sujeitos, revelou uma interação marcada pela rigidez no papel de cada um dos pais em relação à educação do adicto. Não observamos um relacionamento flexível e colaborativo na dupla parental, sendo os pais casados ou separados. As diretrizes da educação não parecem ter sido estabelecidas em parceria: pai e mãe têm atribuições diferentes - seguindo os estereótipos de gênero - ou apenas um dos dois é responsável pela criação do filho.

### **Relacionamento com o pai**

Os dados sobre o relacionamento dos entrevistados com os seus pais corroboram os achados de outros estudos que assinalam ser comum a ausência do pai nas famílias adictivas (Kalina & Korin, 1983; Stanton et al, 1985; Plass, 1996; Freitas, 2002; Ramos, 2003; Schenker, 2005). Nenhum dos entrevistados descreveu um relacionamento íntimo com o pai e, ao mesmo tempo, com fronteiras e limites demarcando as duas gerações. Evidenciaram-se quatro "grupos" ou "tipos" de pais, delineados a partir de características comuns que identificamos na descrição dos sujeitos da pesquisa e que nos levaram a refletir sobre alguns padrões relacionais. As quatro características mais ilustrativas dos perfis dos pais, pelo relato dos entrevistados foram: autoritário; omissivo; amigo; dependente de álcool e/ou outras drogas. Salientamos que essa divisão é apenas ilustrativa, tendo o objetivo de facilitar a organização, visualização e discussão dos nossos dados.

Foi escolhida apenas uma dentre as quatro características acima para cada um dos nove pais entre os dez descritos pelos entrevistados. Apenas um pai, o de

Gustavo, foi incluído nos quatro grupos, já que Gustavo descreveu-o alternando comportamentos que remeteram às quatro características em questão. Nos outros nove casos uma das quatro características sobressaiu e pôde ser encontrada em diversos momentos da fala dos sujeitos ao descreverem os seus pais.

Três sujeitos descreveram pais com perfil autoritário. O relacionamento com o pai é retratado, na fala desses sujeitos, como dificultado pela rigidez paterna. São pais descritos como rudes, "durões", impondo-se, também, através da violência física. Entretanto, como destaca Pellegrino (1987), só o amor e a liberdade vão permitir uma positiva e produtiva relação com a lei; ou seja, o limite é eficaz em uma relação afetiva. Nesses três casos, a inflexibilidade pareceu impossibilitar o diálogo e o fortalecimento do vínculo pai-filho. A intimidade e o desenvolvimento da afetividade nesses relacionamentos ficaram bloqueados pelo medo, reflexo do autoritarismo. Reilly (1979) salienta que a comunicação nas famílias de abusadores de drogas ocorre de forma predominantemente negativa; através de críticas, reclamações, resmungos e castigos. Heitor relatou sentir falta de elogios dos seus pais. Tadeu e Gustavo gostariam de ter uma relação mais próxima com o pai. O perfil autoritário e rígido desses pais contribuiu para o distanciamento pai-filho.

Meu pai era muito fechado, calado, com ele era direto para resolução de problema....dificuldades que ele percebesse ou fossem passadas pela minha mãe, quando ela não conseguia resolver; mas na maioria das vezes... sempre passei para ela primeiro, tinha medo da personalidade dele, de levar uma surra quando necessário né...tinha um certo receio de chegar até ele né. Sempre busquei minha mãe (conversas sobre namoros), ele não dava abertura, não tinha intimidade por ele ser muito fechado. Então a gente vai p/ o lado mais viável né.. com quem é mais fácil conversar. (Tadeu, 24 anos)

Eu jogava bola de manhã, de tarde e de noite. Aí ele (pai) cortou o de manhã e o à tarde e só deixava eu jogar bola à noite, dois dias da semana. E eu era forçado a fazer karatê, porque eu não gostava. Só ia mesmo porque eles (pais) mandavam. Ah, e eles nunca me elogiavam quando eu tirava nota boa na escola. Eles sempre me criticavam. Eles só sabiam...quando eu tirava nota ruim, eles só sabiam me criticar. Quando tirava notas boas eles não davam os parabéns, era isso que eu ficava bolado (chateado). Porque eu sempre falava com eles: pô, vocês só querem me dar esporro, não querem nunca me elogiar. E eles falavam que eu não fazia mais do que a minha obrigação. (Heitor, 22 anos)

Do meu pai eu tinha medo. Ele olhava para mim assim, eu já abaixava a cabeça, porque ele já me bateu de taco algumas vezes. (Gustavo, 21 anos)

Segundo Corneau (1989), o pai que é fisicamente presente, mas, entretanto, comporta-se de maneira inaceitável, é um "pai ausente". O autor dá como exemplo pais autoritários - como os descritos pelos entrevistados - que abafam qualquer iniciativa criadora. A agressão física regular caracteriza, para Corneau, uma paternagem inadequada. O autor observa que a carência pela ausência do pai pode ser compensada por uma idealização dele ou pela busca de um pai ideal como substituto. Percebemos, no discurso de Heitor, a idealização do pai; e no de Gustavo a idealização do avô como pai ideal substituto. Tadeu não idealiza o pai, mas, justifica, em alguns momentos, as suas atitudes. Tanto a idealização, como o uso de justificativas, são formas de negar ou, pelo menos, não enfrentar os problemas do relacionamento dos entrevistados com os seus pais.

Eu acho que homem é o meu pai. O que ele faz eu acho que é o caráter de um verdadeiro homem. Ele ama a minha mãe intensamente, ama os filhos imensamente, tem um caráter invejável. Na moral, não porque é o meu pai não, mas em comparação com os outros pais que eu conheço, o caráter dele é invejável e é isso. (Heitor, 22 anos)

Meu avô que morreu fazia meio que o papel de pai, me levava para jogar bola, eu jogava no time da escola... era assim (...) Ele era meu paizão.

(Gustavo, 21 anos)

A rigidez expressa no grupo de pais autoritários denuncia a resistência familiar em autorizar a autonomia dos seus membros. Essa dificuldade não é exclusiva do pai, mas de todo o sistema familiar. O pai conseguir encarar o filho como sujeito singular sugere uma tentativa de estimular a sua diferenciação, não percebendo-o, desse modo, como um prolongamento de si mesmo. Kalina (1990) ressalta a dificuldade de autonomia do adicto, relacionando-a ao mandato familiar encoberto de "ser" para a família e não para a vida. A mensagem recebida pela família seria: "fique comigo". O adicto, paradoxalmente, cumpre e rompe esse mandato. Ele permanece dependente e próximo da família; sendo, ao mesmo tempo, o oposto da imagem idealizada do filho exemplar. A fala de Heitor ilustra essa questão.

Acho que ele (pai) queria que eu fosse igual a ele, assim. Só que tinha esse negócio do vício (...) No fundo, no fundo eu acho que eu queria ser um pouquinho igual ao meu pai, ou até um pouquinho mais. (Heitor, 22 anos)

No outro extremo do comportamento autoritário, quatro entrevistados descreveram pais omissos. Destacamos que os pais descritos como abusadores de álcool e/ou outras drogas (quatro) são também pais omissos, obviamente; porém, discutiremos esse tópico separadamente, até mesmo pela sua relevância. Esses pais, percebidos como omissos pelos seus filhos, estiveram emocionalmente ausentes durante a sua formação. A ausência paterna nas famílias adictivas, no sentido de fragilidade enquanto autoridade, é sublinhada por diversos autores (Kalina & Korin, 1983; Stanton et al, 1985; Plass, 1996; Freitas, 2002; Ramos, 2003; Schenker, 2005). Rodrigo, Avelino, Augusto e Gustavo relataram terem vivenciado relacionamentos difíceis com os seus pais, marcados pela omissão paterna.

Meu pai nunca me incentivou a fazer nada; por exemplo, tudo que eu aprendi na vida eu aprendi com a vida: eu aprendi a jogar futebol sozinho, eu aprendi a soltar pipa sozinho, essas coisas (...) Com o meu pai nunca teve nenhum tipo desse relacionamento (sobre relacionamento afetivo). (...) Então eu tinha essa ausência do meu pai. (Rodrigo, 22 anos)

Não, meu pai não veio (visitá-lo na clínica). Não veio e comprovou tudo que aconteceu durante a vida, né? Quem toma a frente da parada, quem vem, quem resolve sempre os meus problemas, com quem eu resolvi foi com a minha mãe. (Avelino, 33 anos)

Porque meu pai sempre ficava falando para minha mãe: eu não escolhi ter filho, foi uma imposição para mim. Meu pai sempre falou isso para mim, e sempre falava para minha mãe também. (Gustavo, 21 anos)

Novamente, a questão dos estereótipos de gênero se faz presente. Nos quatro relatos aqui destacados são narradas situações que revelam a crença no papel da mãe como responsável pela educação dos filhos, ficando o pai restrito a uma participação coadjuvante, quando muito. Silveira (1998) enfatiza a necessidade das crianças relacionarem-se a partir de novos paradigmas, com brincadeiras que ajudem a lidar com a maternidade e a paternidade. Ele ressalta que a sociedade não estimula o homem a desenvolver habilidades relacionadas à paternidade. Esses estereótipos acerca do papel da mãe e do pai, como o mito do instinto materno, vão sendo transmitidos e reproduzidos ao longo das gerações.

Rodrigo relata ter tido um pai ausente pelo seu excesso de trabalho; ou seja, está presente, na descrição da sua família, o tradicional estereótipo do pai provedor. Avelino falou sobre a omissão do seu pai, demonstrando ressentimento,

pois tudo era delegado a sua mãe. Claramente, no seu relato, evidencia-se a crença de que educar os filhos é responsabilidade exclusiva da mãe. Gustavo queixou-se da ausência do seu pai e dele dizer, várias vezes, que não quis tê-lo, como se só a mãe pudesse gerar uma criança. No caso de Augusto aparece a omissão paterna agravada pelo divórcio. Pelo seu relato, seu pai encarregou-se do suporte financeiro; e do lazer nos encontros esporádicos com o filho.

Destacamos o seguinte dado: em três desses quatro casos um dos avós exerceu papel parental, de acordo com os entrevistados. Como já discutimos anteriormente, a interferência dos avós é uma variável de peso no entendimento da omissão paterna. O avô, ao formar uma dupla com a mãe na criação dos filhos, mascara e estimula a ausência paterna, contribuindo para a não reivindicação de um lugar do pai mais próximo.

O terceiro grupo que criamos, na discussão do relacionamento dos entrevistados com os seus pais, é o do "pai amigo". Dois entrevistados retrataram um pai que caracterizamos como amigo; pelo fato de posicionar-se como colega, como se estivesse no mesmo nível hierárquico do filho. O relacionamento, pelo relato dos sujeitos, ficava baseado mais em diversão e menos em orientação. Esses pais amigos tendem a ser permissivos, não querendo frustrar os filhos. O pai amigo acaba sendo um pai ausente, pois ele se exime da sua função educadora, relacionando-se com o filho como mais um colega. Freitas (2002) descreve as famílias "pré-adictivas" como tendo uma grave dificuldade em lidar com os limites, em dizer não. Fabio e Gustavo, ao falarem dos seus relacionamentos com os seus pais, relataram momentos de lazer, mas não de estabelecimento de limites e transmissão de valores. Os seus relatos sugerem um funcionamento familiar no qual as fronteiras são difusas entre as gerações (Minuchin, 1980), aspecto também observado por Fleming (1995) e Carmo (2003) em suas pesquisas com famílias adictivas.

Eu saía muito com o meu pai, curtia, ia ao cinema. Meu pai sempre foi garotão, ia para o cinema, jogava futebol com ele, me levava para passear sempre. Só. Meu pai era estilo esportivo. Dava uma de novo, novato. Pensava que era novo. Gostava de me levar também para passear, para sair, para ir ao cinema, para jogar futebol com ele. (Fabio, 18 anos)

Com o meu pai, assim, ele me via final de semana, me buscava para sair com ele, me levava para vários lugares de diversão, tipo: cinema, teatro, essas coisas assim, praia, pegava onda, ia para casa dos meus avós em São Pedro da Aldeia,

ia sempre para Arraial do Cabo também com o meu pai. Curtia muito.  
(Gustavo, 21 anos)

O quarto, e último grupo, que delineamos para discutir os dados referentes ao relacionamento dos entrevistados com os seus pais é o daqueles pais descritos como abusadores ou dependentes de álcool e/ou outras drogas. Jaime, Felipe e Julio caracterizaram os seus pais como dependentes, enquanto Gustavo falou do uso constante de drogas do seu pai; sem, entretanto, defini-lo como dependente. Sublinhamos o número alto de entrevistados (quatro), quase metade da amostra, que relataram terem pais usuários ou dependentes de drogas. Diversos pesquisadores (Stanton et al, 1985; Black, 1990; Kalina, 1990; Boys et al, 1999) documentam uma relação positiva entre antecedentes de problemas com álcool/drogas na família e o surgimento do abuso de substâncias.

Apenas o pai de Jaime, de acordo com o seu relato, assumiu o seu problema e buscou tratamento. O pai de Felipe era alcoolista e faleceu de câncer, mas nunca tratou do seu alcoolismo. Julio e Gustavo relataram terem sido criticados e julgados por seus pais, em relação à adicção, sem, no entanto, que os mesmos reconhecessem ter o mesmo problema.

Os quatro entrevistados narraram situações que mostram como o relacionamento pai-filho foi afetado, negativamente, pelo uso de álcool/drogas do pai de cada um deles. Sobressaiu, nesses depoimentos, a carência do pai, já que este estava impossibilitado de investir no fortalecimento do vínculo parental devido ao seu freqüente entorpecimento químico.

Ele passava pouco tempo em casa, era alcoolista. Muitas das vezes ele estava embriagado e algumas vezes, o lazer que a gente tinha quando a gente saía, era ficar no bar com ele, ele ficava jogando sinuca ou eu ficava acompanhando ele em algum lugar. Geralmente em lugares de ativa (lugares onde ele bebia).  
(Felipe, 27 anos)

Meu pai também é dependente químico. Então eu acho que eu repeti a história dele. (Jaime, 23 anos)

Ele joga o problema do alcoolismo dele na gente. A válvula de escape são os filhos que são drogados, os filhos que são mau caráter, os filhos que são os ladrões, e ele não consegue ver ele, o alcoolismo dele. (Julio, 35 anos)

Analisando-se conjuntamente as dez entrevistas, em nenhuma delas foi descrito um relacionamento com o pai baseado em intimidade, afeto e

estabelecimento de limites. No relato dos entrevistados o lugar do pai, mais periférico, contrasta, drasticamente, com o lugar da mãe, imponente. Ressaltamos que o relacionamento com o pai só pode ser compreendido dentro da dinâmica familiar, que inclui o relacionamento com a mãe e os avós. Como destaca Lamb (1986), um dos grandes obstáculos ao envolvimento paterno é a própria mãe. Muitas mulheres não gostariam de renunciar ao seu poder na casa, dividindo tarefas com o marido. Algumas falas da nossa pesquisa como: "mãe é tudo", do Heitor, nos dão uma idéia da dimensão desse poder materno. Negociar com o marido o estilo de educação dos filhos pode ser mais complicado, muitas vezes, do que decidir tudo sozinha.

O pai, como assinalam Corneau (1989), Badinter (1992) e Lebrun (2001), facilita a separação entre a mãe e a criança, atuando como contra-peso. A ausência emocional do pai, constatada na fala dos entrevistados, favorece o desenvolvimento de um relacionamento mais dependente com a mãe e/ou avó, dificultando a autonomia do adicto. Percebemos, nos sujeitos da pesquisa, o desejo de um relacionamento mais próximo com o pai, não como amigo, mas como referência masculina. O pedido presente nas entrelinhas do discurso dos entrevistados pareceu ser o de um relacionamento mais íntimo com um pai firme e terno ao mesmo tempo.